Efeitos da Covid-19 no processo de ensino-aprendizagem. Que metodologias a serem adoptadas. Estudo de caso da Escola Secundária Sansão Mutemba - cidade da Beira.

Manuela Remígio Manuel Pery¹²

Marlene Vanessa Marques Jamal¹³

Nelson Castiano Chigande Moda¹⁴

Resumo

O processo de ensino-aprendizagem em tempos de Covid-19 tem sido um dilema no nosso país, principalmente nos aspectos metodológicos adoptados pelas nossas instituições de ensino. Estas, precisam encontrar novos processos metodológicos para se adequarem ao actual cenário imposto pelo Covid-19. O objectivo deste trabalho é de verificar se os procedimentos metodológicos adoptados ao longo do tempo antes do Covid-19, onde habitualmente as turmas numerosas eram consideradas normais, serão os mesmos a serem adoptados no período do Covid-19 onde vigoram decretos que impõem uma redução significativa dos alunos em cada turma. Dai que, igualmente, este artigo aborda algumas flexibilidades metodológico-didáticas a serem implementadas por forma adequar ao cenário que for a vigorar a imposição do decreto restritivo. Pois, se em outros países os professores estão habituados a gerir turmas com uma média de 25 alunos, a mesma experiência não pode ser partilhada pela maioria dos professores em Moçambique, em particular os afectos a Escola Secundária Mateus Sansão Mutemba. Ademais, foram também sugeridos procedimentos metodológicos-didáticos a serem implementados por forma a não contrariar o distanciamento social imposto pelo decreto, como por exemplo uso de audiovisuais, descarte em grande parte dos métodos comunicativos em detrimento do expositivo. A metodologia de pesquisa foi bibliográfica aliada a pesquisa de campo baseada em experiências didáticas dos pesquisadores. De referir que os dados serão analisados qualitativamente. A pesquisa não apresenta resultados acabados, podendo desta forma abrir espaço para a continuidade, enquanto o processo das novas regras estiver em vigor.

Palavras – chave: Ensino-aprendizagem, metodologias, professores, alunos, Covid-19.

Abstract

The teaching-learning process in Covid-19 times has been a dilemma in our country, mainly in the methodological aspects adopted by our educational institutions. They need to find new methodological processes to adapt to the current scenario imposed by Covid-19. The objective

---

¹² Mestre em Comunicação para o Desenvolvimento, Universidade Católica de Moçambique - Instituto de Educação à Distância. Mail: manuelapery81@gmail.com

¹³ Mestre em Línguas, Literaturas e Cultura Universidade Licungo – Quelimane-. Mail: vanessa.jamal@hotmail.com

¹⁴ Mestre em Administração e Gestão Educacional, Escola Secundaria Sansão Mutemba . Mail: nel.moda@hotmail.com

of this work is to verify if the methodological procedures adopted over time before Covid-19, where numerous classes were usually considered normal, will be the same to be adopted during the Covid-19 period where decrees are in force that impose a reduction significant number of students in each class. Hence, this article also addresses some methodological-didactic flexibilities to be implemented in order to adapt to the scenario that will impose the restrictive decree. For if, in other countries, teachers are used to managing classes with an average of 25 students, the same experience cannot be shared by most teachers in Mozambique, in particular those assigned to the Mateus Sansão Mutemba Secondary School. In addition, methodological-didactic procedures were also suggested to be implemented so as not to contradict the social distance imposed by the decree, such as the use of audiovisuals, discard in large part the communicative methods in detriment of the expository. The research methodology was bibliographic combined with field research based on the didactic experiences of the researchers. It should be noted that the data will be analyzed qualitatively. The research does not present finished results, thus being able to open space for continuity, while the new rules process is in effect.

Keywords: Teaching-learning, methodologies, teachers, students, Covid-19.

1. Contextualização do estudo

A pandemia de Covid-19 é uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, a 1 de Dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado a 31 de Dezembro do mesmo ano. Acredita-se que o vírus tenha uma origem zoonótica, porque os primeiros casos confirmados tinham principalmente ligações ao Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Wuhan, que também vendia animais vivos. Em 11 de Março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto uma pandemia. Até 14 de Julho de 2020, pelo menos 13. 060. 239 casos da doença foram confirmados em pelo menos 188 países e territórios, com grandes surtos nos Estados Unidos (mais de 3 366 515 casos), Brasil (mais de 1 884 967 casos), Índia (mais de 878 000 casos), Rússia (mais de 733 000 casos), Peru (mais de 33 000 casos), Chile (mais de 317 000 casos), México (mais de 299 000 casos), Reino Unido (mais de 290 000 casos), Irã (mais de 259 000 casos), Espanha (mais de 253 000 casos) e Itália (mais de 242 000 casos). Pelo menos 571 817 pessoas morreram (mais de 137 000 nos Estados Unidos, 72 900 no Brasil, 44 800 no Reino Unido, 35 000 no México, 34 900 em Itália, 30 000 na França e 28 400 na Espanha), e mais de 7 215 865 foram curadas.

Em 22 de Janeiro de 2020, foi discutido por um comitê de emergência organizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) se o incidente constituía uma Emergência de Saúde

Pública de Âmbito Internacional sob os Regulamentos Internacionais de Saúde. A decisão foi adiada por falta de informação.

Em 22 de Março, o primeiro caso de Covid-19 em Moçambique foi confirmado, tratando-se de um homem de mais de 60 anos de idade que havia viajado ao Reino Unido. Mais tarde o governo de Moçambique anunciou que a esposa do primeiro infectado havia sido diagnosticada com Covid-19. Mais tarde a esposa de Eneias Comiche, o Presidente do Conselho Autárquico de Maputo, Lúcia Comiche telefonou a um programa de televisão dizendo que ela estava infectada com a doença e o seu marido era o primeiro infectado em Moçambique. Em 6 de Abril, Moçambique tinha 10 casos confirmados, 367 casos suspeitos e o primeiro infectado havia sido recuperado. No dia 8 de Abril, foram confirmados 7 novos casos, seis na província de Cabo Delgado e os restantes na de Maputo.

O Presidente da República Filipe Nyusi decretou o estado de emergência sem confinamento a partir de 1 de Abril, e tem-no prorrogado sucessivamente: em 29 de Abril prorrogou-o até 30 de Maio; em 29 de Maio de novo até ao final de Junho; e a 28 de Junho prorrogou-o por mais 30 dias até 29 de Julho, com algumas ligeiras aberturas, especialmente no que toca ao ensino. Dias depois o Governo, através do seu porta-voz anuncia a retoma gradual das aulas para o dia 27 de Julho, portanto, 48 horas antes do término da última prorrogação.

Para o reinício das aulas presenciais, as escolas, universidades e outras instituições de ensino têm a obrigação de garantir as condições de higiene necessárias para reduzir a possibilidade e risco de contágio. Todavia, não se tem colocado a reflexão sobre as novas metodologias de ensino ou pelo menos a sua flexibilidade, com a excepção de reajuste dos programas temáticos apenas. Aqui reside a preocupação e relevância em desenvolver esta pesquisa com vista a propor abordagens metodológicas.

O Processo de ensino-aprendizagem constituiu desde cedo um campo caracterizado por imensas assimetrias de região para região. Não há dúvidas de que em várias partes do mundo, este processo tem sido conduzido de formas totalmente diferentes. Todavia, existe o padrão universalmente aceite que consiste em alocar os intervenientes do processo, nomeadamente: o professor, o aluno, os conteúdos, o meio e outros recursos. Ademais, pode decorrer em períodos de curto, medio e longo prazo, dependendo dos objectivos preconizados.

Em tempos de Covid-19, os desafios surgem para todos e em todos lugares do mundo inteiro. Infelizmente, trata-se duma situação a ser enfrentada com padrões diferentes, segundo a

realidade de cada território e as condições aí existentes. Para o caso de Moçambique, ao reiniciar as aulas mesmo ainda com focos da pandemia e com casos a crescerem a cada dia, há que ter em conta alguns factores importantes: o rácio professor-aluno e seu impacto atinente a pandemia; a disponibilidade acrescida do efectivo docente; e a estrutura física das salas de aulas existentes.

A avaliar o rácio professor-aluno em Moçambique com mais de 60 alunos por turma, chegando em alguns casos a atingir 120 alunos por turma, coloca o país a redistribuir o efectivo dos alunos por turma para respeitar o distanciamento social, e isto vai directamente implicar ajuste de salas de aulas e requisição ou contratação urgente de mais professores.

Não obstante as dificuldades que aparentam eclodir, o processo de ensino-aprendizagem não registaria uma abolição na sua íntegra. Novas alternativas metodológico-didácticas, reajustamento dos recursos humanos e materiais, assim como uma nova organização funcional do espaço escolar serão importantes e significativas mudanças a operar.

2. Processo de Ensino-aprendizagem em tempos de Covid-19

É frequente o uso dos substantivos “ensino” e “aprendizagem” para fazer referência aos processos “ensinar” e “aprender”. Raramente fica claro que as palavras referem-se a um “processo” e não a “coisas estáticas” ou fixas. Nem sequer pode ser dito que correspondam a dois processos independentes ou separados. (Kubo & Botome: 2001).

Nesse sentido, é melhor usar verbos para referir-se a esse processo, fundamentalmente constituído por uma interação entre dois organismos (pelo menos no caso de “ensinar”, uma vez que é possível “aprender” sem um professor). Mas as perguntas importantes permanecem. O que é ensinar? O que é aprender? Como se relacionam esses dois processos?

O aspecto a considerar, é que as expressões “ensinar” e “aprender” são dois verbos que se referem, respectivamente, ao que faz um professor e ao que acontece com o aluno como resultado da decorrência desse fazer do professor. (op.cit)

Segundo o Dicionário da Língua portuguesa (2013) ensinar significa transmitir conhecimento sobre alguma coisa a alguém; lecionar: ensinar e/ou dar instruções sobre alguma coisa a alguém, isto é, ensinar é “dar instrução a”, “doutrinar”, “mostrar com ensinamento”, “demonstrar”, “instruir” etc.

O processo de ensino-aprendizagem, segundo Libâneo (1990), divide-se em dois momentos, nomeadamente sócio e construtivo. É sócio porque compreende a situação de ensino-aprendizagem como uma actividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É construtivista porque o aluno constrói, elabora seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afectividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com ajuda do professor.

Neste contexto, essa visão leva-nos a uma atitude socio-construtivista no ensino onde o professor é agente do conhecimento agindo activamente leva o aluno ao objecto de forma contextualizada.

O processo de ensino e aprendizagem tem como mediação o professor e aluno tendo como objectivo a construção do conhecimento que são partes constituintes deste processo. O processo de elaboração é mútuo, professor e aluno agem activamente dentro da construção do ensino, o aluno não é um quadro branco, as vivências de suas geografias devem fazer parte constituinte desse processo. A metodologia em geografia deve ter como base a junção teoria e prática, é a partir desse processo construtivista que é dada a sua importância para analisar o entendimento do meio, é nessa concepção que a vivência ganha uma importância junto com os conteúdos institucionalizados. Nesse sentido, ensinar é a relação entre o que um professor faz e a aprendizagem de um aluno.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 21). Freire acredita que durante a prática educativa o docente não deve se limitar ao ensinamento dos conteúdos que são previstos e importantes, mas sim, ensinar a pensar, pois “pensar é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”. (Freire, 1996, p. 28). Se para Freire, ensinar não se limita em ‘transmitir’, fica evidente a necessidade de criatividade educativa do professor, no sentido de trazer inovações ao processo, sobretudo neste tempo de Covid-19. A possibilidade de elaborar mais exercícios para os alunos, preocupar-se com cada um deles e dar seguimento personalizado na sala de aulas. Esta possibilidade numa turma com mais de 100 alunos não era praticável. Nisto, pode-se afirmar que apesar do infortúnio do Covid-19, a pandemia irá positivamente colocar os professores a experimentar de forma audaz novas metodologias e criar mais aproximação ao aluno como ‘indivíduo’ com características únicas e diferentes doutros.

O pensar de maneira adequada permite aos discentes se colocarem como sujeitos históricos activos. Neste sentido, o ensino deve partir dos conhecimentos existentes e daqueles que serão

apresentados no futuro, os saberes do senso comum e a capacidade criadora de cada um, diante de sua particularidade, em um aprendizado mútuo entre os sujeitos com objectivo de adquirir e instigar o conhecimento de forma autônoma e prazerosa.

No que tange a aprendizagem, considera-se como sendo aquela que transforma, ou seja, tem que ser transformadora, com diversos saberes reconstruídos entre educadores e educandos, torna-os deste modo sujeitos autónomos, emancipados, questionadores, inacabados. Para Freire (1996, p. 26) “no processo de aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. Com isso, a aprendizagem de Freire é como prática de liberdade contrária a uma prática de dominação e imposição.

Portanto, pode-se de uma forma resumida dizer que o ensino – aprendizagem para Freire significa a possibilidade de abrir espaço ao educando de aprender de forma crítica, criando as suas teorias conforme o mundo que o rodeia para que este seja o real sujeito da construção e reconstrução do saber ensinado.

2.1. Metodologias de ensino em Tempos de crise em Moçambique

O paradigma da escola inclusiva pressupõe, conceitualmente, uma educação apropriada e de qualidade dada conjuntamente para todos os alunos considerados dentro dos padrões da normalidade. Nas classes do ensino comum, da escola regular, deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos os alunos, indiscriminadamente. Sendo assim, o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independente de seu talento, deficiência (sensorial, física ou cognitiva), origem sócio-econômica, étnica ou cultural. (Carvalho:1998 & Oliveira e Poker:2002). Aqui, neste período restritivo, as necessidades de cada aluno encontram maior espaço para serem atendidas, diferentemente em turmas numerosas que colocavam o professor numa situação bastante complicada influenciando negativamente o alcance dos seus objectivos, por um lado devido a gestão do tempo, e por outro a ineficácia das condições de ensino.

Diante da pandemia Covid-19 que assola o mundo inteiro, como inicialmente nos referimos o governo moçambicano tem se desdobrado na criação de estratégias de modo a conter a propagação rápida da mesma. Dentre as medidas anunciadas pelo governo, consta a suspensão das aulas em todos os estabelecimentos públicos e privados, desde o ensino pré escolar ao universitário. Perante a medida de encerramento das aulas, o MEDH foi desafiado a criar estratégias, de modo a garantir a continuidade das aulas através de outros mecanismos ou

plataformas, a citar: fichas de exercícios, telescola (TV), whatsapp, google classroom, redes sociais e rádios comunitárias. Todavia, estudos moçambicanos, mostram que os pais e/ou encarregados tem muitas dificuldades em fazer o acompanhamento dos alunos. Importa questionar sobre a falta de abrangência das metodologias que o MEDH têm ao seu dispor nesse momento, uma vez que a maior parte dos alunos moçambicanos não dispõem de condições para o acesso as mesmas. Contudo, são as que se impõe no momento como inicialmente nos referimos.

Como sustenta (Savani, 1984, p. 72)

uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Portanto, serão métodos que estimularão a actividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente [...]

Portanto, não existe uma metodologia específica para o processo de ensino-aprendizagem em tempos de crise. Há necessidade de experimentar novas habilidades através de criatividade dos autores do processo (professores, alunos, comunidades e o sistema de educação em si). Alias, Pimenta (2001, p.97) esclarece que entre essas contribuições está a necessidade de promover uma “revisão dos temas clássicos da Didática (ensino, aprendizagem, finalidades do ensino, objectivos, conteúdos, métodos, avaliação) concretamente considerados; revisão dos referenciais históricos e novos conceitos”.

Diferentemente duma pandemia que necessita duma prescrição médica, o processo de ensino-aprendizagem tem que ver com experiências, características dos alunos, condições atmosféricas e físicas do ambiente educativo, idade, nível, conteúdos e seus objectivos. Nem a Escola Mateus Sansão Mutemba, nem o próprio Sistema Nacional de Educação pode impor tais metodologias, elas nascem e se desenvolvem com a experiência e aperfeiçoam-se com a produtividade avaliativa. Por isso, mesmo que a educação venha ao longo dos tempos, sendo alvo de intensos debates e discussões difícil é chegar-se a um consenso, pois a realidade moçambicana é particular, sem nos esquecermos que o sistema de ensino e suas metodologias não são estáticas. Eles assumem uma dinâmica circunstancial.

Sabe-se que cada autor, pedagogo, em seu momento histórico, compreendeu o processo de ensino e de aprendizagem de maneira própria. Assim, cada nova teoria procura substituir as anteriores, porém incorporando em si os elementos das mesmas. Em Moçambique as escolas e suas características requerem metodologias e suas articulações diferentes de outros âmbitos, todavia, mantendo sempre a essencial de ensinar a pensar e não construir uma caixa de ressonância nas novas gerações.

Os métodos deveriam, assim, explorar a curiosidade, as dúvidas e incertezas, a continuidade das idéias, a investigação, a observação e a experimentação. O ensinar e o aprender são para o Dewey “atos correlativos”, afinal “não se pode dizer que se ensinou, se ninguém aprendeu” (Dewey, 1953, p.32). Sabe-se que o raciocinar é algo natural, mas cabe à escola transformar este raciocínio em um exame crítico no qual o espírito do aluno se interesse pelos problemas e se empenhe em buscar formas para solucioná-los de maneira útil. Os materiais precisariam despertar o interesse sem rigidez dogmática, fornecendo informações que permitissem a integração com aquelas que já se possuía num todo coordenado, fazendo parte das experiências. Quando essa integração não fosse permitida, ensinar-se-ia, de acordo com Dewey (1953, p.215) “o aluno a viver em dois mundos diversos: um, o mundo da experiência, fora da escola; outro, o dos livros e das lições”.

Seria mais sensato que o professor da Escola Secundária Mateus Sansão Mutemba, numa situação em que os alunos tiveram uma longa pausa nas actividades lectivas devido o Covid-19, promovesse com os conteúdos reajustados, o acto mais profundo de ajudar o aluno a pensar, tendo sempre em conta a suas experiências e curiosidades, considerando igualmente o tempo lectivo diário e semanal de acordo com o calendário estabelecido. Ajudar o aluno a se empenhar, desviando-se da preguiça e para tal, é crucial a organização das actividades por nível e características dos alunos, pois há os que dedicaram-se muito durante a suspensão das aulas e outros muito menos ou quase nunca. Devera ser estabelecido um equilíbrio. Dewey (1953, p.36) vê no aluno o sujeito que nestas circunstâncias devera, com auxílio do professor “cultivar o espírito de curiosidade, preservá-lo de desaparecer pelo abuso, de livrá-lo da fossilização da rotina, e de que o ensino dogmático e a aplicação constante a coisas mesquinhas não a dissipem.”

O aluno deveria ser reforçado a cada tarefa e imediatamente a ela, conferindo o acerto ou erro da resposta dada. Em relação à disposição das salas, os alunos poderiam ser agrupados em classes, mas cada um prosseguiria em seu próprio nível. As tarefas e ou exercícios devem ser

reelaborados ao nível de compreensão dos alunos, evitando-se assim somente distribuição de fotocópias e/ou brochuras que trazem suas complicações. Skinner (1972) desenvolveu esse processo com o objectivo de substituir o professor, em algumas situações de aprendizagem, por meio da máquina de ensinar. Sua proposta possibilitaria ao professor a mudança no seu papel, afetando suas práticas tradicionais. As máquinas poupariam tempo e trabalho do professor, e para o caso do processo que praticamente visa recuperar tempo e conteúdos perdidos devido a pandemia, seria importante a duplicação do tempo de estudo, isto é, para além da escola como local, as actividades deveriam ser recomendadas para casa e exigidas escrupulosamente na aula seguinte.

Não há dúvidas que a pedagogia contemporânea, também a que Moçambique implementa, foi influenciada por Skinner, especialmente na perspectiva tecnicista, estando presente na prática docente de muitos professores no final dos anos 60 e início dos anos 70. À luz desses princípios, o trabalho didático foi remodelado, dando ênfase a novos recursos e instrumentos de ensino. Passou-se a ter maior rigor na planificação diária, quinzenal e trimestral tanto em relação à forma como aos objectivos e metas; a produção de livros didáticos foi estimulada; a utilização crescente de recursos áudio-visuais; a preponderância na avaliação quantitativa, dentre outros aspectos ganhou destaque nas escolas, tudo para que se garantisse um controle do processo de ensino e da aprendizagem com total eficácia e eficiência.

Apesar da grande influência da perspectiva tecnicista, seus princípios foram criticados por vários educadores em razão da forma mecanicista e técnica atribuída ao trabalho didático. A partir dessas e outras críticas, novos movimentos educacionais e educadores trazem para a educação outras propostas e olhares ao processo ensino e aprendizagem.

3. Considerações Finais

O reinício das aulas presenciais tem sido alvo de críticas em todos quadrantes sociais. Todavia, todos reconhecem a vitalidade deste processo na vida dos alunos. Se dum lado busca-se assegurar medidas de higiene nas escolas e universidades, através de disponibilidade de água canalizada nas escolas de Moçambique, doutro lado para os professores exige-se elevada reflexão para o acto técnico-executivo em si na sala de aulas. Percebe-se com clareza neste artigo que as metodologias comunicativas na sala de aulas, que são tidas como bastante eficazes no processo, sobretudo na aprendizagem da língua, terão que ser de menor opção para os professores. Actividades de melhoria da fala, como por exemplo pequenas peças teatrais,

simulações e *roleplays* deverão ser evitados como forma de reduzir a exposição dos alunos ao entrarem em contacto físico. As aulas de educação física, por exemplo, poderão ser incentivadas para mais tempo lectivo, mas em espaços abertos e com actividades ou jogos que não requerem apertos, toques, etc., como o jogo de basquetebol. O método expositivo-explicativo, que ao longo dos anos vinha sendo substituído seu maior espaço com actividades de elaboração conjunta, infelizmente terá que tomar seu papel com maior relevância, e neste caso voltaremos a criar, infelizmente o ensino com mais centralidade no professor.

De um modo geral, o actual estágio do capitalismo na revolução científico-tecnológica e na globalização, denota relevância ainda maior à educação. É notório que de uma hora para outra, as aulas presenciais foram substituídas para a modalidade de ensino a distância (EaD). Obrigando professores e alunos a um aprendizado bastante rápido de novas tecnologias de comunicação e informação (TICs). Portanto, os desafios da educação em tempos de pandemia da Covid-19 são inúmeros.

O presente artigo procurou trazer a reflexão e mostrar que existem alternativas e metodologias que podem garantir sim um ensino de qualidade, em soluções que ajudam a driblar a crise mesmo diante de tantos obstáculos. Os professores compartilham de várias inseguranças. Em relação às questões mais técnicas, como por exemplo, dar a aula *online*, gravar vídeos em televisão, preparar materiais que possam ser compartilhados com os alunos, entre outros.

4. Referências bibliográficas

CARVALHO, R. E. (1998). *Temas em Educação Especial*. Rio de Janeiro: WVA, disponível https://www.researchgate.net/publication/250991030_Educacao_inclusiva_um_estudo_na_area_da_educacao_fisica. Acessado em 13 de Julho de 2020

DEWEY, John. *Como pensamos*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. (1998). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Coleção Leitura). Disponível em <http://escola-ensino-aprendizagem.blogspot.com/p/paulo-freire.html>. Acesso em 13 de julho de 2020

KUBO, Olga Mitsue & Botome, Sílvio Paulo. (2001). *Ensino – Aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais*. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321/2665>. Acesso em 13 de Julho de 2020.

LIBÂNEO, José C. (1990). “*Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente – estudo introdutório sobre pedagogia e didática*”, tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP.

LIBANELO, José Carlos. (2012). *Escola, Ensino e Aprendizagem. Democratização da Escola Pública*. Junho. Disponível em <http://pesquisaepedagogicas.blogspot.com/2012/06/jose-carlos-libaneo.html>. Acesso em 13 de Junho de 2020.

OLIVEIRA, A. A. S.; POKER, R. B. (2002). *Educação inclusiva e municipalização: a experiência em educação especial de Paraguaçu Paulista*. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 8, n.2, p. 233-244,

PIMENTA, Selma Garrido. (1996 a 1999) *A pesquisa em didática -*. In: CANDAU, Vera Maria.

SAVIANI, D. (2005). *Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes*. In: LOMBARDI, José Claudinei.

SKINNER, Burrhus Frederic. (1978). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes.

(Org). (2001). *Didática, currículo e saberes escolares*. (2. ed.). Rio de Janeiro: DP&A

_____. (2013). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova edição. Porto editora. Disponível em https://www.portoeditora.pt/pdf/DEDLP13ML_20101095.pdf. Acesso em 13 de Julho de 2020.